

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

19 de Junho a 2 de Julho de 2018 | Nº 163 | Ano VI • Director: José Luís Mendonça •

Kz 50,00

ARTES

Pág.
8

O MONSTRO ESTÁ EM CENA

Conversar
com o insólito,
esse deus
desconhecido



LETRAS

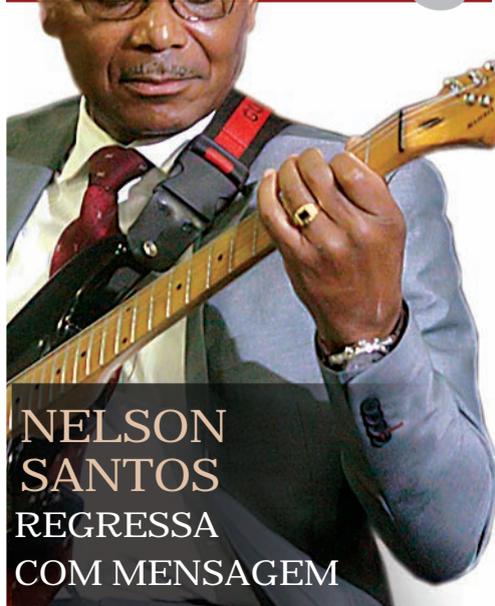
Pág.
5



**EXPOSIÇÃO
ITINERANTE**
“A LÍNGUA PORTUGUESA EM NÓS”
CONHECER O IDIOMA
PELA VISÃO DOS FALANTES

ARTES

Pág.
13



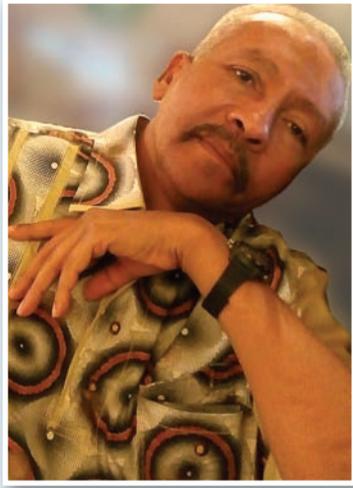
**NELSON
SANTOS**
REGRESSA
COM MENSAGEM

DIÁLOGO INTERCULTURAL

Pág.
14



**ONU DENUNCIA
“PANDEMIA GLOBAL”**
DE VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES



José Luís Mendonça

Atitude de escritor

Segundo o historiador angolano Carlos Serrano, surgiu na Angola colonial um grupo de “intelectuais angolanos denominados de Geração de 50, que veio a ter uma grande influência nas gerações posteriores de escritores. Esta influência não se resume unicamente a aspectos meramente culturais, necessários à construção de uma identidade comum, mas também outros que se referem à mobilização e formação política militante de novas gerações numa emergente luta pela autonomia cultural e política, naquele dado momento histórico.

Na mesma senda, José Luandino Vieira publicaria em 1963, um livrinho de contos intitulado Luuanda, que viria a provocar uma grande polémica e represálias na época salazarista. Se a primeira preocupação de Luuanda é a de tentar fecundar a língua literária com o pólen da língua falada nos musseques de Luanda, a obra levanta também a problemática da condição social dos colonizados.

Na década de 80, a geração da Brigada Jovem de Literatura de Luanda lançaria aquilo que chamou de Projecto Comum e que, nas palavras de um dos seus mentores, o poeta Carlos Ferreira, pretendia afirmar o desejo “de cumprir uma gesta que desse flor e fruto a sonhos antigos”.

Estes exemplos ilustram o tema em apreço. Os grandes escritores posicionam-se na vida com uma atitude pautada pelo imperativo ético de defesa do Homem e da Vida. Com esse espírito, o escritor é um humanista, representa a reserva moral da sociedade.

Com essa atitude actuaram, tanto na escrita, como no posicionamento perante os factos da vida, os escritores universais Whole Soyinka, José Craveirinha, Bertolt Brecht, Ernest Hemingway, George Orwell, Antoine de Saint-Exupéry, Victor Hugo, Garbriel Garcia Marquez, Pablo Neruda, Breyten Breytenbach, entre outros.

Esta atitude tem a ver com o papel que a Literatura se atribuiu, desde os tempos imemoriais (vejam-se as tragédias gregas) de contestar o que a sociedade tem de errado. Aqui levanta-se esta questão pertinente: pode o escritor abdicar da moral, não só na sua produção, mas igualmente na sua praxis social?

O escritor brasileiro Fernando Sabino dá-nos uma resposta sincera, ao afirmar: “O artista, mesmo empenhando apenas beleza, pode estar contestando a ordem iníqua que a sociedade nos impõe, quando não aceita as regras do jogo, que são as da hipocrisia, da falsidade, da deformação do pensamento, do desrespeito aos direitos humanos.”

Eu acredito que hoje em dia, em que a Literatura já não atrai o leitor como nos séculos precedentes, não basta publicar literatura para ser um escritor integral. O escritor tem necessariamente de estar engajado na defesa da dignidade da pessoa humana. Quem não demonstra sensibilidade inata perante o sofrimento do próximo, não pode ter nenhuma pretensão a ser denominado escritor. A obra que escreve deve andar a par do pensamento do autor. Um escritor não mexe na quinda do povo.

Aquele que ainda não descalçou pelo menos dois dos sete sapatos sujos expostos na prateleira de Mia Couto: “A passividade perante a injustiça” e “A ideia de quem critica é inimigo”, como pode querer sentar-se à mesa de uma Academia de Letras?

Como disse um dia Marthin Luther King Jr.: “O que me preocupa não é o grito dos corruptos, dos violentos, dos desonestos, dos sem carácter, dos sem ética. O que me preocupa é o silêncio dos bons.”

O escritor, como já o disse, é a reserva moral da sociedade. Como pode ele denunciar os males dessa mesma sociedade, se pactua com eles?

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

Nº 163/Ano VII | 19 de Junho a 2 de Julho de 2018

E-mail: cultura.angolana@gmail.com

site: www.jornalcultura.sapo.ao

Telefone e Fax: 222 01 82 84

CONSELHO EDITORIAL

Director e Editor-chefe:

José Luís Mendonça

Editores:

Adriano de Melo e Gaspar Micolo

Secretária:

Ilda Rosa

Fotografia:

Paulino Damião (Cinquenta)

Arte e Paginação: Jorge de Sousa,

Alberto Bumba e Sócrates Simóns

Edição online: Adão de Sousa

Colaboram neste número:

Angola: Carlos Major, Emanuel Alasvida, J. A. S. Lopito Feijóo K., Lito Silva, Luís Pedro Palanahm Soberano Canhanga

FONTES DE INFORMAÇÃO GLOBAL:

AFREKA

AFRICULTURES, Portal e revista de referência

AGULHA

CORREIO DA UNESCO

MODO DE USAR & CO.

OBVIOUS MAGAZINE

Normas editoriais

O jornal Cultura aceita para publicação artigos literário-científicos e resenhas bibliográficas. Os manuscritos apresentados devem ser originais. Todos os autores que apresentarem os seus artigos para publicação ao jornal Cultura assumem o compromisso de não apresentar esses mesmos artigos a outros órgãos. Após análise do Conselho Editorial, as contribuições serão avaliadas e, em caso de não publicação, os pareceres serão comunicados aos autores.

Os conteúdos publicados, bem como a referência a figuras ou gráficos já publicados, são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Os textos devem ser formatados em fonte Times New Roman, corpo 12, e margens não inferiores a 3 cm. Os quadros, gráficos e figuras devem, ainda, ser enviados no formato em que foram elaborados e também num ficheiro separado.

Propriedade



Sede: Rua Rainha Ginga, 12-26 | Caixa Postal 1312 - Luanda

Redacção 222 02 01 74 | Telefone geral (PBX): 222 333 344

Fax: 222 336 073 | Telegramas: Proangola

E-mail: ednovembro.dg@nexus.ao

Conselho de Administração

Victor Silva (presidente)

Administradores Executivos

Caetano Pedro da Conceição Júnior

José Alberto Domingos

Carlos Alberto da Costa Faro Molares D'Abril

Mateus Francisco João dos Santos Júnior

Administradores Não Executivos

Olímpio de Sousa e Silva

Catarina Vieira Dias da Cunha

A formação, a educação estética e a personalidade do jovem escritor



J.A.S. LOPITO FEIJÓO K.

Depois de todos estes anos de práticas literárias, recebi uma anedota segundo a qual alguém queria ser escritor pelo simples facto de, assim sendo, poder andar descalço, despen-teado e quiçá roto e com um aspecto andrajoso. Tudo muito fácil... como se até isso fosse fácil.

Esta é também uma maneira de se julgarem os artistas de um modo geral. Mas, marca-me o facto de, nos tempos fluorescentes da minha adolescência, ter escrito o meu (suposto) primeiro livro que, atrevidamente, decidi, depois de convenientemente dactilografado, mostra-lo ao meu pai que logo se recusou a segurá-lo, pois para ele aquilo não era livro nenhum e muito menos eu estava em condições de escrever um livro porque, segundo as suas palavras, "você tem mais é que ler e estudar muito, pois escritor é uma pessoa de respeito em qualquer parte do mundo e não é qualquer um vagabundo!".

Então, não havia alcançado a amplitude do pensamento do Velho. O estudar muito de que ele falava era fundamentalmente ler, ler tudo ou quase tudo o que for possível para a formação e para a formatação da nossa personalidade enquanto cultores das belas letras.

Ler tudo ou quase tudo porque, como é por demais consabido, ninguém vai ser um escritor sem ser antes um leitor. E ninguém vai ser um grande Escritor sem ser antes um grande leitor. Portanto a leitura e o estudo autodidático devem ser companhia permanente de quem se propõe ser escritor. Um verdadeiro artista da palavra.

Entretanto, e a propósito do autodidactismo, quero chamar especial atenção, pois trata-se de uma prática que, não raras vezes, acarreta uma grande margem de erro, pelo que requer redobrada atenção, vigilância e disciplina.

A FORMAÇÃO DO ESCRITOR

Cingindo-me concretamente à formação do escritor, dói-me constatar que, hoje, com mais escolas e universidades entre nós, vejo menos entrega, menos acutilância, uma juventude menos predisposta, sem espírito de missão e menos responsável do que nas décadas passadas. Há vezes mesmo em que penso que os níveis de aproveitamento académico baixaram. Ouso dizer, até, extrapolando para o domínio da escrita jornalística que,

mesmo a qualidade dos novos jornalistas é hoje muito menor do que a qualidade da escrita dos anos 70/80.

Falando da literatura, não é em vão que aqui chamamos a escrita jornalística pois, em conversa com Luís Carlos Patraquim, constatamos haver uma tênue fronteira entre a literatura e a escrita jornalística. Sem dúvidas. O jornalismo vive de alguma contingência mas, comporta, implica e contempla também uma dimensão literária.

Luís Carlos dizia-me em conversa privada o que aqui cito.

"Lembro-me daquilo que é, digamos, a obra maior do trabalho jornalístico que é a reportagem. A reportagem que é de uma área próxima de nós que usamos uma língua neo-latina que é o português.

A reportagem de Gabriel García

Marques, por exemplo, com o Relato de um Náufrago que é uma grande reportagem antes dele ser o escritor e contista que conhecemos.

Gabo fez ali, também, literatura. Portanto, para um verdadeiro jornalismo, mesmo a notícia que obedece a regras da lide jornalística, já implica uma grande preocupação de rigor de texto que não sendo de literatura no sentido de criação metafórica com outro tipo de dimensões e de liberdades, implica uma preocupação com a linguagem a que a literatura também está obrigada e, portanto, havendo fronteiras, são fronteiras que se diluem."

Entre nós, comparados os níveis e a qualidade da escrita dos anos 70 e 80 com a que actualmente se exercita, esta perde, por quilómetros de distância, tanto no domínio da escrita literária como no da escrita jornalística. O que constatamos acontece em razão de uma cada vez maior materialização do mundo e das sociedades actuais, onde o mais importante também é "ter" e gozar de forma imediata algo que nem sequer advém do nosso labor, sacrifício e entrega intelectual. Ter fama, isso sim! É quase o mais importante, ter sempre antes mesmo de "ser". Cada vez mais, na "business society" que

se promove entre nós, as pessoas querem é saber mais do "ter" e não do "ser", poucos estão preocupados em "ser". Ser homem ou "ser" gente. Esta preocupação de "ser", é hoje diminuta.

Entretanto, no nosso seio, ninguém está proibido de "ter", como por exemplo "ter" cada vez mais conhecimentos.

Hoje sentimos uma muito grande, e até mesmo estrondosa, diferença na postura dos jovens ligados às letras, quando comparados com os da geração a que pertencço.

Quando começamos, nós mesmos nos denominámos jovens escritores e amantes da literatura.

O que hoje constato é que, por falta de humildade, deixaram de existir jovens escritores, até porque já nascemos todos "escritores". Pergunto-me agora: como ser escritor sem ter sido jovem algum dia e um eterno amante da literatura?

Na verdade, quem nem sequer lê, não pode ser um amante da literatura e quem

não ama a literatura jamais será um escritor, excepto de nome, como milhares que agora vemos a assinarem textos até nas redes sociais: "Poeta rasgado, roto, descalço, poeta frustrado e até militar. Escritor general, escritor abençoado, escritor desgraçado, poeta escritor", e outros nomes excessivamente satíricos.

O verdadeiro escritor é um amante da literatura e não deve hesitar em adquirir um livro, falo do livro físico, principalmente. O livro que nos permite uma leitura sã, saudável, atenta e disciplinada, tal como a escrita. A escrita deve ser igualmente sã, atenta e disciplinada, principalmente no domínio da prosa, porque senão, começamos um livro e nunca mais o terminamos.

No que toca a poesia, há aquela questão do trabalho oficial em torno da palavra e que implica a prática reiterada. Escrever e lavrar ou limar as arestas da escrita todos os dias. Trabalhar Poesia 24/25 horas por dia. Implica disciplina, pensar nos exercícios de escrita e leitura como se fossem um alimento para a nossa própria sobrevivência. Esta prática oficial, diária e constante leva-nos ao hábito. Ao costume.

Como deveis saber, o costume, não raras vezes, faz lei principalmente ali onde encontramos lacunas no âmbito do "Positivo". É esta prática constante, reiterada, ou de todos os dias, a que faz de nós grandes e bem formados, também no domínio da literatura. Não sendo exactamente a mesma coisa, como no Direito, na literatura é "quase" a mesma coisa.

Não queiram, por favor, ser bons, queiram ser melhores, meus caros jovens. Bons podemos ser muitos, mas ser melhores já não podemos ser todos nem muitos... Mas alguns. Queiram estar sempre entre os "alguns", através de práticas por demais experimentalistas.

OBRA INACABADA

Nunca fazer ou considerar um texto já acabado em poesia e mesmo na prosa, nunca augurar um texto acabado. O texto literário é sempre uma inacabada obra aberta que, às vezes, até permite a interferência dos nossos leitores, cada um de acordo com a sua formação e cultura geral. O nosso texto literário deverá, sempre e somente, caracterizar-se como sendo verdadeiro pois é na razão da nossa verdade que residirá sempre a nossa



"hoje, com mais escolas e universidades entre nós, vejo menos entrega, menos acutilância, uma juventude menos predisposta, sem espírito de missão e menos responsável do que nas décadas passadas"

originalidade. Um autor de texto literário é eternamente um SER impaciente mas, ainda assim, deve cultivar a paciência, quanto mais não seja, para aturar a sua própria impaciência.

Nunca um autor de obra de arte literária, por mais formado e capacitado que seja, deve sentir-se realizado. Ele está constantemente insatisfeito. Nunca realizado, pois a sua realização passa também pelos seus leitores, porque estes têm também a sua formação, capacidade, estrutura mental e, em razão disso, neles está a continuação ou completude da nossa escrita. Os leitores são críticos também.

Os próprios autores têm que ter também a sua capacidade ou senso crítico, pois quem não tem o mínimo de senso para a crítica não têm a capacidade de ver “com os olhos de ver por dentro e por fora” aquilo que o rodeia. Ver ou ler com sentido crítico e fazer leituras comparadas são actos que resultam da, mais ou menos, densa e consolidada formação do escritor.

Os nossos versos ou parágrafos são justamente o resultado da nossa formação e cultura geral. Estes devem ser grafados fazendo recurso, não à linguagem corrente, mas à linguagem artístico-literária com estilo próprio, que varia de autor

para autor, sempre de acordo com factores de ordem pedagógica e psico-sociológica.

Daí a questão da estética e da ética. Da consciência e do belo, pelo que, já mais poderemos olvidar a importância da formação e da educação estética da juventude amante das artes e principalmente da literatura.

“A educação estética da juventude só pode funcionar plenamente quando ligada ao sistema de instrução pública”

No que toca a educação estética, remetemo-vos para o texto intitulado “Por uma jovem geração mais culta e sã”, publicado em 1982 no nº 1 da revista ASPIRAÇÃO da Brigada Jovem de Literatura em Luanda, onde podereis

constatar o pensamento com o qual ainda corroboramos: “A educação estética da juventude, basicamente, deve permitir ao jovem compreender a beleza do mundo e da arte...” sendo que, “...só pode funcionar plenamente quando ligada ao sistema de instrução pública e de formação profissional e técnica. O sistema de educação estética, se for encarado de maneira autónoma não pode existir.”

Concluiremos este capítulo citando mais, pois “A educação estética, na sua essência, é uma educação da sensibilidade e do prazer. Sem sensibilidade não pode haver desenvolvimento da consciência estética e do intelecto. A educação estética desenvolve a aptidão do jovem para captar o belo, aprofundando tal percepção no próprio processo evolutivo. A formação da sensibilidade depende muito do meio, do ambiente. Também da educação estética dependem a inteligência, os sentimentos, a vontade do jovem, as suas qualidades sociais, cívicas, morais e mentais. Daí, a necessidade de se criar processos de educação e influência estética, no conjunto de actividades e de medidas que assegurem o desenvolvimento estético permanente, simpático e variado de cada jovem, de cada Homem,

do nascimento à idade madura.”

Por último, ainda no âmbito da formação e da personalidade do escritor, peço alguma reflexão em torno da necessidade do conhecimento e valorização da nossa memória e imaginário comum. Das nossas tradições orais e das línguas nacionais. É importante também uma atenção especial às ciências exactas.

O escritor não deve simplesmente ter o domínio das ciências sociais. Se, por um lado, o domínio língua em que escrevemos e lemos é fundamental, o conhecimento básico da matemática, ou mesmo da física e também de outras ciências é importantíssimo pois, por exemplo, no dia a dia das nossas vidas lidamos com questões ou problemas que nos obrigam a ler profundamente se as quisermos solucionar. Em matemática, o aluno que se propõe escritor tem de saber ler as equações que se lhe apresentam pois, não raras vezes, pode até saber solucioná-las, mas não o faz porque nem sequer entende o que se lhe pede e isto acaba por acontecer em todas as disciplinas, pelo que, podemos concluir dizendo que, quem sabe ler e não lê jamais compreenderá e saberá o que é a literatura e consequentemente a própria vida.



VICTOR BURITY DA SILVA

OBSERVATÓRIO DO TEMPO

Uma manhã que se veste de silêncio onde caminhos se abrem, sorri devagar a vanguarda olhando de soslaio o caminhar desejoso de caminhantes em busca de vida e tempo. Todas as manhãs são rompidas do afago doce de uma noite bem-vinda, ida dos solavancos trémulos e sinuosos de um dia corrido entre afazeres e deveres, entre o descanso guerreiro e o artista sentado na bermuda dos lenços içados à vitória do corpo. Olho os arranha-céus espalhados bem perto do mar num descanso de heróis mutantes, o brilho dos

silêncios na azáfama crescente de olhos virados de frente acompanhando o tempo, o esquiço da verdade, da vontade, do querer, da partilha entre vida e vivência, da melancolia absorvida por entre os restos criados bem dentro de nós para vencermos o dilúvio e a vontade inócua de parar entre duas avenidas e com um sorriso descalço.

Os parentes à nossa volta celebramos a vida, o tempo cresce a cada instante e felizes espalhamos alegria numa sala enorme onde todos, para que sigamos entre canções e arte a melodia da existência. Crescemos todos os

dias e em cada um deles o sentimento de vitória alcançado sem sombras nem arrepios, sorve-se o calor e bebe-se vida, encanta-se a alegria que nos pertence ao longo de uma vida longa beijando cada azulejo das paredes da nossa felicidade.

Por isso tudo me encantam os pássaros e as nuvens caminhantes por esse céu aberto à liberdade dos passos, encantam-me as gentes, o dia, refego a noite numa ambivalência entre corpos encontrados por todas as esquinas da cidade. Hoje tudo me parece mais colorido, até as calçadas sorriem,

os ventos circundam com auréolas de diamante à volta das vontades, a gente sabe como encantar o momento e é nele que buscamos a verdade individual da vida, a vida sorvida assim traz mais calor nesta cidade onde o quente se explana a cada momento, sorrindo, um grito amigo e um abraço longo espalhado por cada minuto de vida sorvido num esplendor de verdade encantando tudo. O observatório do tempo à janela descreve em cada folha de papel a nossa vontade.

“A LÍNGUA PORTUGUESA EM NÓS”

CONHECER O IDIOMA PELA VISÃO DOS FALANTES

ADRIANO DE MELO

Uma das principais perguntas que o ser humano procura responder há séculos é “quem somos nós?”. A resposta já foi objecto de muitos debates filosóficos e científicos. O primeiro passo para descobrir a resposta é conhecer melhor a nossa origem. E este é o convite que o Centro Cultural Brasil Angola (CCBA) faz a todos os cidadãos da capital, falantes do português, com a abertura da exposição “A língua portuguesa em nós”.

Através da evocação da beleza e multiplicidade dos falantes da língua portuguesa, a exposição procura fazer um enfoque sobre diversos aspectos culturais e sociais, que tornam esta língua única no mundo. Numa forte aposta na simplicidade, para explicar quem somos, a exposição faz um percurso sobre a história dos países da lusofonia.

Nesta viagem pela narrativa e conhecimento sobre diversos povos unidos pela mesma língua, a informação faz a diferença, principalmente para quem visita a exposição e conhece pouco sobre o português. Porém, a mente aberta para descobrir novas perspectivas é fundamental, porque como disse o psicanalista Sigmund Freud: “Não somos apenas o que pensamos ser. Somos mais: somos também o que lembramos e aquilo de que nos esquecemos; somos palavras que trocamos, os enganos que cometemos, os impulsos a que cedemos ‘sem querer”.

Por meio de descrições sobre a história dos países falantes de língua portuguesa, número de falantes, rotas marítimas, referências literárias, alguns dos seus principais aspectos culturais, vídeos e jogos, os visitantes têm a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre os países lusófonos e quem somos.

Entre os aspectos que chamam atenção sobre a história da língua portuguesa em Angola está a exibição de um extracto da carta enviada pelo rei Mbemba-a-Nzinga ao Papa Júlio II, depois do seu baptismo e da mudança de nome para Dom Afonso.

Outro aspecto de realce é a exposição de uma resenha sobre a literatura angolana e alguns livros que se tornaram decisivos para o seu desenvolvimento, como “Luanda”, de Luandino Vieira, que marcou uma era e teve grande repercussão por mostrar o modo de vida na era salazarista, e “Undengue”, de Jacinto de Lemos, por mudar todo um paradigma, na forma de escrever, ao apresentar uma linguagem mais próxima das comunidades suburbanas.

As variantes da língua portugue-

sa também foram analisadas nesta exposição, que tem uma secção para mostrar algumas variações desta em diversos países. Para aproximar mais os visitantes de algumas das obras mencionadas na exposição, o CCBA decidiu colocar estas à disposição de todos. Quem for visitar a mostra pode sentar-se e ler parte das obras mencionadas. Assim como jogar um pouco para avaliar o seu nível de conhecimentos sobre o português. No final, os visitantes podem deixar o seu depoimento gravado para a posteridade, com a sua opinião sobre a língua portuguesa. Os depoimentos passam a fazer também parte do acervo do Museu da Língua Portuguesa.

Aberta ao público até o dia 3 de Agosto, de terça a domingo, das 10h00 às 20h00, na sede do CCBA (no espaço onde foi o Grande Hotel de Luanda, próximo ao Museu de Antropologia), na baixa de Luanda, a mostra itinerante segue depois para Moçambique.

AMOSTRA

A exposição, que retrata a história e a diversidade do idioma, é uma iniciativa do Museu da Língua Portuguesa, e já esteve em cartaz em Cabo Verde.

Actualmente em reconstrução, o museu brasileiro criou a exposição “A Língua Portuguesa em Nós”, como uma forma de propor diálogos e trocas com os falantes do idioma. O conteúdo da mostra foi organizado a partir de quatro eixos temáticos: Nós da Língua Portuguesa no Mundo, História da Língua Portuguesa no Brasil, Poesia e Prosa e Diálogos.

Com consultoria de conteúdo do compositor, escritor e professor de Literatura brasileiro José Miguel Wisnik, a exposição faz um passeio pela presença da língua portuguesa no mundo, o contacto com outros idiomas, sua participação na formação cultural brasileira e sua presença na música, nas expressões culinárias e na literatura. O percurso pela exposição inclui curiosidades sobre os países que compõem a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste), assim como procura descobrir as suas origens e como os idiomas vivem em constante movimento, nascem, se cruzam e se transformam.

Para ajudar a orientar os visitantes foram seleccionados 30 jovens estudantes de Letras, Comunicação Social, Artes Visuais, Produção Cultural e áreas afins, que ao longo da permanência da mostra no país vão actuar como mediadores das visitas educativas e auxiliar na programação cultural.



LÍNGUA DO NORTE E CENTRO DO KWANZA-SUL VAI AO MINCULT



SOBERANO KANHANGA

Um dos mais apaixonados debates a que me entrego é o que se faz sobre a problemática das línguas em Angola.

Ora vejamos: o mosaico etno-linguístico angolano é amplo. Qualquer abordagem deve sempre começar pelas duas grandes famílias que são Kongo cordofoniana, de um lado, e Koi-San, do outro.

A primeira família dá origem às línguas bantu que possuem elementos lexicais muito parecidos.

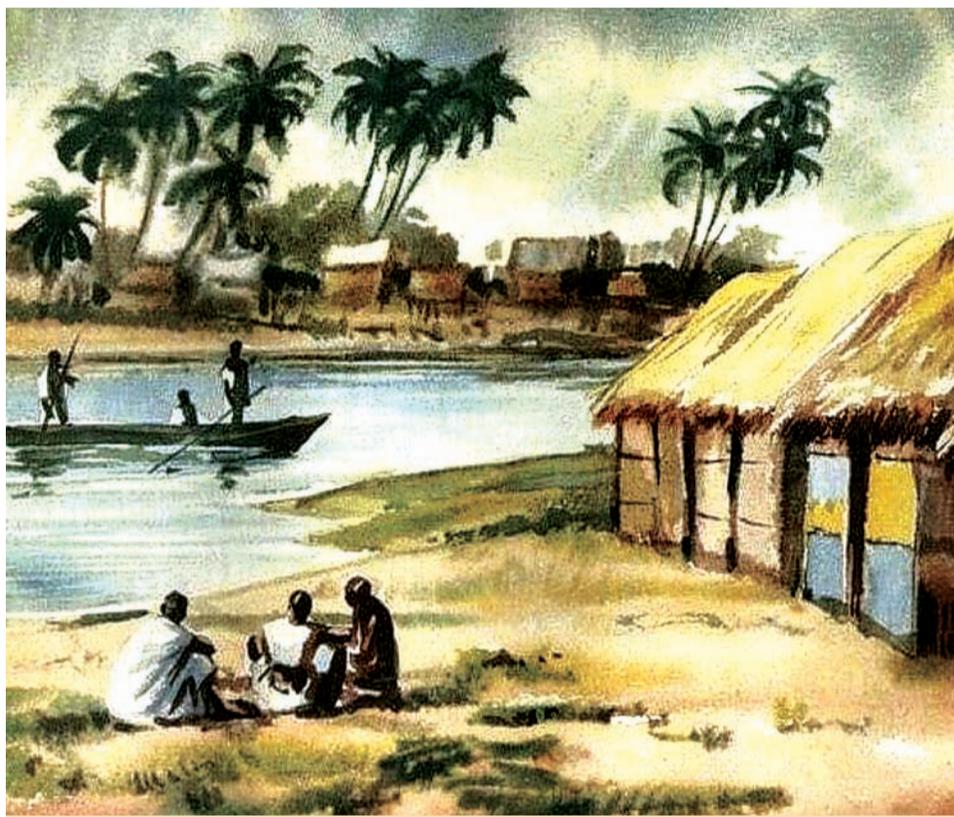
No território angolano, entre os povos pré-bantu, temos apenas os San.

Retornando aos Bantu, esses se estratificam por diversas outras línguas, cada qual com as suas variantes. Assim surge o Kimbundu que possui perto de 30 variantes, sendo algumas delas faladas no Kwanza-Sul (norte e centro), destacando-se as variantes Lubolu, Sende, Kipala (Kibala), Kisma, Mbwi, Mpinda, Sumbe e Haku. Entre estes substratos podem ser encontradas outras derivações, pois a língua, enquanto elemento abstrato, tem uma variabilidade e uma inovação difíceis de controlar.

É essa variação na entoação e poucas vezes lexical (pois há aldeias que distam cinco quilómetros entre si mas com diferentes articulações no emprego oral da língua) que permite os povos de uma mesma família linguística identificarem-se geograficamente. A título de exemplo, os povos da Munenga e de Kuteka que, política e administrativamente, pertencem à mesma comuna, têm articulações orais distintas que os permite identificarem-se mutuamente quanto à origem geográfica (sobado). Porém falam a mesma variante de uma mesma língua, no caso Kimbundu.

INTERCESSÃO

A 9 de junho de 2012, o militar e político Serafim Maria do Prado, nas vestes de governador do Kwanza-sul, escreveu à ministra da Comunicação social, Carolina Cerqueira, hoje titular da Cultura, solicitando intercessão desta junto da RNA para que fosse revista a designação errónea atribuída à variante Kimbundu falada no Kwanza-Sul, nas rádios provincial e Ngola YETU. O assunto não teve o provimento esperado, pois, ao que se sabe, ou o Ministério que tutela a Rádio não orientou que se reparasse o reclamado ou essa (a RNA) não acatou. Estávamos em vésperas de eleições gerais, as terças, depois de 1992, 2008.



Serafim do Prado, na sua missiva, sugeria que os aludidos programas tivessem a designação "Kimbundu Kyetu" (nosso Kimbundu) ou "Kimbundu do Kwanza-sul", indo de encontro àquilo que a população autóctone de maior idade responde (ainda) quando perguntada "eye oji lyahi wondola?" (Que língua você fala?). A esse questionamento, a resposta é sempre: Kimbundu ngondola/Kimbundu Kyetu/ Kimbundu ky'Epala... (falo Kimbundu/nosso Kimbundu/Kimbundu da Kibala...), cf. Canhanga 2007.

As sugestões de Serafim do Prado, embora tenha surgido na carta sem argumentos de razão, vão de encontro ao que recolhemos como resultado de inquérito oral nos municípios do norte e centro do Kwanza-Sul e em Luanda, aspectos que devem ser valorizados e adicionados ao que escreveram Héli Chatelain, Redinha, Vinte e Cinco, entre outros. Ademais, nas circunstâncias de Angola, em que não abundam os trabalhos escritos, toda a ciência que envolva a etnografia, antropologia e história deve sempre ter o terreno e a oralidade como ponto de partida (laboratório) e o gabinete como fábrica (para multiplicação e difusão do conhecimento experimentado).

O dinamismo das línguas sempre levou à emancipação de algumas variantes, ao passo que outras se mantêm ligadas à matriz. Porém, todo o nome tem de ter um sentido etimológico e semântico, o que me parece não existir no caso dos proponentes de

Ngoia como designação de uma suposta língua (que pretendem autónoma do Kimbundu) falada no território norte e central do Kwanza-Sul.

NGOIA NÃO ATENDE AUTONOMIZAÇÃO NEM MANUTENÇÃO

Tendo surgido, de algum tempo a essa parte, alguns angolanos que, ao arripio da ciência, atestam a existência de uma suposta língua Ngoia em Angola e mais concretamente no Kwanza-Sul, sem que para tal exibam documentos (físicos ou orais), um grupo de três cidadãos da Kibala (Gabriel Vinte e Cinco e António Felismino) e Libolo (Luciano Canhanga), para além de vários estudos científicos que têm vindo a realizar e a publicar, deslocou-se, a 06 de Junho de 2018, à sede do Ministério da Cultura para informar a Ministra que "nós, do norte e centro, do Kwanza-Sul não falamos ngoia".

A Dra. Carolina Cerqueira orientou o Director do Instituto de Línguas, Dr. José Pedro, a organizar, no terreno, um encontro e fazer uma súpula do "constatado" para que ela (Ministra) com os dados que lhe chegarem ao conhecimento, possa interceder (ou não) junto do seu homólogo da Comunicação Social, no sentido de se colocarem nas rádios angolanas (Emissora do Kwanza-Sul e Rádio Ngola Yetu) "os pontos nos is e os traços nos tês", em relação à língua (mais) falada no Kwanza-Sul.

Quanto a mim, há dois vectores para centrar o debate. Um é o da manuten-

ção do 'status quo' e o outro é o da autonomização da variante falada no norte e centro do Kwanza-Sul, atribuindo-lhe um nome que seja "confortável" ao povo acima referido, tendo em conta a sua ancestralidade.

Se o vector for o da não emancipação, pouco há para se discutir. É Kimbundu, cuja variante mais audível é da Kibala. Aqui bastaria mudar a designação do programa inserido na grelha da Rádio Kwanza-Sul de Ngoia para Kimbundu. Porém, a Rádio Ngola Yetu não deverá ter dois "programas em Kimbundu".

Se a questão for a emancipação/autonomização da língua falada no norte e centro do Kwanza-Sul, à semelhança do Songo, Luc|h|azes, Bunda, Lunda-Ndembo, etc., que estão em processo de dissociação das línguas matrizes (Kimbundu, Ucokwe), pois as variantes passaram a ter uma nova designação, aqui deve-se focar em encontrar um nome que atenda à idiossincrasia, cultura e história deste povo. Qualquer nome deve representar fiel e cabalmente um povo. Aqui, as Rádios acima citadas deverão renomear os seus espaços com a designação que for achada.

Para terminar, lembro que em nenhum mapa etnolinguístico de Angola consta o suposto povo Ngoia.



Referências

- https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADnguas_de_Angola,
Consulta: 07.06.2028
REDINHA, José (1984). *Distribuição Étnica de Angola*, 8.ª ed., Luanda, Centro de Informação e Turismo de Angola.
CANHANGA, Soberano (2016). *A língua dos Kibala Kimbundu ou Ngoya?* <http://jornalcultura.sapo.ao/letras/a-lingua-dos-kibala-kimbundu-ou-ngoya>

KUFIKISA KWA MAHAMBABA MA KAKALUNGA



MÁRIO PEREIRA

NANYI MWENE UTENA?

(I)
Nanyi kaxi utena kungibula eme ngimukwany?
Nanyi kaxi utena ha ki bwala mutu wangijiya?
Ndumba andala kungividila adyendesa mukuya
Kwene ki mutu wakijiya kwebi kwala nanyi
Nanyi mwenyo ubangesa atu kukala kumusota?

(II)
Nanyi kaxi wiza kungitalela ku polo, ku mesu
O mesu menyama majika mukuzeka, majukula
Majukula mukutona sekutena we kusambulula
Yoso yamubita mumasambwa mwaminuha masu?

(III)
Nanyi mwene utena kungitumbula maka mami
Ha ene mwene angisombola izuwa yami yoso
Akala kungitonginina ha ngazumbuka kya boso
Boso boso bu ngikala mubita mu ikoka yami
Anga akala we hanji mukubatajala ukamba?

(IV)
Nanyi kaxi ulembwa kungizemba kindala okyo
Ha angimona ngakulu, ngalebe kala ngimukoko
Ni ibundu idisa twana twala ku bata kwenyoko
Isubu anga ngikala kwibakesa mu kima okyo
Dijina dye mbinda ya kulangela omalavu mami?

(V)
Nanyi kaxi wiza hanji ni ngunzu ya kungibana
Ya kungibana omasemba mangixisa ngakodiwa
Ni ngikale kifwa eza kya kungikatula o windwa
Windwa wenyu ulundula atu adituna kuuxikana?

(VI)
Nanyi kaxi wiza kungizalela odixisa dyami anga
Kwenyoko tuxikame hanji kofele ni tuditangele
Tuditangele maka mamubita mu kaxi ka mbele
O mbele yetu yolodyendesa kwene kwala kalunga?

(VII)
Nanyi kaxi wandala kudya mbolo yamuvimba
Sekwiwanena ni akwenu ala kumutonginina
Ni nzala mu mala, nkwakwetwenu, nzala ixinina
Kana mutu umoxi ngo, mba ndumba alokwimba
O kuzumbuka kwa nzala iyi ilembwesa mwenyu!

(VIII)
Nanyi kaxi wiza kungikatula okubonza.
Ni ngitene kumuximana kala kyatokala kukibanga.
Ni ngimubangese kamba dyami mukukala kutunga
O ukamba wa kidi wakakutubangesa hanji kudisanza?

(IX)
Nanyi kaxi utena kwiza mukungizula malamba mami
Ni ukexilu wa ngongo iyi ingilundula, ingikwata.
Ma ukulu ni ma kindala kyenyeke kwila mangizwata
Sekutena kulenga dikanga dyami vuwa dyami
Vuwa dyamyodyo
Kuma mbila yene o kiswamenu kyondongilangela!



ENSAIOS POÉTICOS DE KAKALUNGA QUEM PODE?

(I)
Quem pode indagar-me quem sou?/Quem pode se não há quem me conheça?/Muitos querem ouvir-me e encaminham-se para ir/Onde ninguém sabe onde se acha quem/Quem é esse que faz com que as gentes estejam à sua procura!

(II)
Quem vem observar-me o rosto, os olhos/Esses olhos que se fecham ao dormir, que se abrem/Que se abrem ao acordar sem poder protestar/O que se está passando nos arredores cheirando urina?

(III)
Quem é que pode indagar-me os meus problemas/Se são eles mesmos que me insultam todos os dias/Ficam a espreitar-me se já me extingui onde/Onde quer que eu passe, nas minhas verdades/E ainda ficam a fingir amizade?

(IV)
Quem desiste de me odiar agora/Se me vêm crescendo, alto como um coqueiro/Com os frutos que alimentam as crianças lá em casa/E fico a guardar os restos nessa coisa/Cujo nome é cabaça que guarda o meu vinho?

(V)
Quem pode vir com a efémera vontade de dar-me /De dar-me as umbigadas que me deixam embriagado/Para que eu esteja como se me viessem tirar a desgraça/Essa desgraça que enterra gente que se nega aceitá-la?

(VI)
Quem pode vir estender-me a minha esteira e/Para que nos sentemos nela um pouco e troquemos impressões /Impressões sobre o que se passa no seio da família/A nossa família que se encaminha para o abismo?

(VII)
Quem é que quer comer o pão inteiro/Sem o dividir com os demais que o espreitam/Com fome na barriga, fome que sufoca/Não apenas uma pessoa, mas muitos que cantam/O fim desta fome que embarga a vida!

(VIII)
Quem me vem tirar a melancolia/Para que possa agradecer-lhe como deve ser/Para que dele faça meu amigo na construção/De uma verdadeira amizade que nos vai tornar saudáveis?

(IX)
Quem pode vir despir-me as desgraças/Antigas e recentes que me vestem/Com esse estado de sofrimento que me lança para a tumba e me agarra/Sem poder fugir para longe que desgraça a minha!/Visto que a campa é o esconderijo que me vai resguardar!

COMPANHIA DE DANÇA CONTEMPORÂNEA LEVA AO CAMÕES O MONSTRO ESTÁ EM CENA

conversar com o insólito, esse deus desconhecido



JOSÉ LUÍS MENDONÇA

INVOCAÇÃO

Para a Companhia de Dança Contemporânea de Angola (CDC) colocar “O Monstro Está em Cena” no território do auditório Pepetela, no Centro Camões, em Luanda, alargou-se uma plataforma continental ao palco. Sobre aquela língua de sonhos, a velha arte de dançar que a CDC revive e reinventa a cada temporada, volta a fundir escultura, música e a poesia do Cosmos, para uma teatralização do silêncio biológico DA IMAGEM. Invoco as kitutas, esses espíritos muito próximos das kiandas, na sua i(mper)manência metafísica e palpável. Que me inspirem a também esculpir com Ana Clara Guerra Marques e Nuno Guimarães, em canto escrito, a melhor forma de conversar com o insólito, esse deus desconhecido de John Steinbeck.

CENA UM

O monstro está em cena. Cascata de sangue a derramar-se sobre o nosso tempo convertido à impressão nihilista da moral: Eu sou o gajo. O tal cabrão do doutor gajo. A sumidade da filha da putice.

CENA DOIS

Sobe no ar música de câmara, música sacra, uma coisa que vem de longe, de alguma catedral semeada de corpos torturados por uma inquisição

infinita. O monstro reparte esmolas. Ou munições espirituais?

O monstro abre os braços e consagra a onipotência do riso e do desprezo. Depois vai-se embora. Um anjo dança: luz preta exorcizada pelo anátema da condição humana: HOMO HOMINI LUPUS. No túnel rectangular de luz conciliatória, floresce o diálogo.

CENA TRÊS

Vivo ou morto.
Caçadores de cabeças.

CENA QUATRO

Uma sede verde-água enreda o motivo de viver. Se esquece em células de luz, junto ao muro branco (quase) in-

transponível.

“Simão Pedro disse: “Vou à pesca.”

“Também nós”, disseram todos. Assim fizeram; mas nada apanharam toda a noite.

Ao romper do dia, avistaram um homem de pé na praia, mas não conseguiram ver quem seria. “Amigos, apanharam algum peixe?”, gritou ele.

“Não”, responderam.





Então ele disse: "Lancem a rede do lado direito do barco e apanharão bastante!" Assim foi, e depois nem sequer podiam puxar a rede devido ao peso do peixe, pela sua abundância. (João 21)

A dor de ser homem emite um gesto de desilusão na sua rede de águas verde-cinza. Vasculha, vasculha o pano das águas verde-cinza e só acha o nada eterno.

CENA CINCO

Um órgão de ressonâncias cósmicas domina o palco de mãos presas nos bolsos. Três passageiros obliquopatas com gestos (e andar) mecanizado pelo contrato (anti)social. As mãos saem dos bolsos e vão tontas, curvadas ao peso de primitivos quissondes peregrinos. O robot moral. A azáfama do sangue nas veias. Esculturas vivas. Linguagem material da dança. Desesperadas sombras contorcendo-se contra o muro branco da desilusão.

CENA SEIS

O bailarino sentado lê um mapa. Cinco crianças dentro dos olhos dele decompõem o puzzle do Globo. O bailarino sentado dobra o mapa num acto de navegar, com sereias, a própria solidão. Mas o barco de papel é roubado à luz do dia, para dentro de uma mala de cabina, como quem viaja de avião os sonhos dos inocentes. O que resta? Tombar, desesperar. Convulsiva kazukuta-dança. Último estertor. Corrida contra o muro.

CENA SETE

Sombras a tactear o nada (Sagrada Esperança) abrindo as cortinas de luz sob as quais explode a beleza dos corpos-café. A liberdade manietada sai de cena.

CENA OITO

Vestidos justos. Rosa, verde e ama-

relo em perucas sedentas de vã fantasia. O Oriente remasterizado. Bonecas de fantasia móveis. Uma voz como de novela: "uma existência cada vez mais violenta; uma humanidade cada vez menos humana; tecnologia: o monstro está em cena. 1,2,3,4, 1,4,3, 432, eu sou o gajo, o tal cabrão de doutor gajo, a sumidade da filhadaputice multiplicada por mil milhares de milhões de biliões, a sumidade da superioridade."

CENA NOVE

A corda branca de nylon amarra as bonecas como no pós 4 de Fevereiro de 1961. Apesar da mulher. Cipaio preto levando meninas pretas.

CENA DEZ

Vídeo consumista. Luxo nos ossos versus arame farpado. Auschwitz revivido. Caviar e champagne versus

deslocados de guerra e choro de crianças versus napalm. O choro de África durante séculos (Sagrada Esperança).

CENA ONZE

A luz respira sob música sacra e trespassa as quatro sombras. Filantropia sonoplástica. A mecânica do tempo na sua ontologia visceral.

CENA DOZE

O primeiro homem nasce de calça branca boca de sino. Como uma nuvem em liberdade, dança e se espraia em acrobacias de peito aberto. Agora é que Michelangelo Buonaroti devia existir para poder pintar no tecto do mundo essa impressão pura do nossa ressuscitação. Sem o dedo onipotente de Deus. Lá no alto da capela Sistina, o céu deixa de rugir. As nuvens eram, afinal, o espanto vivo dos querubins. **FIM**



BANDA DESENHADA EM ANGOLA

O FUTURO DA ARTE NUMA NOVA PERSPECTIVA

ADRIANO DE MELO

Um mundo diferente, povoado de novas perspectivas, está a ganhar dimensão mundial, através da banda desenhada. A sétima arte tem ajudado a divulgar, actualmente, todo um universo de histórias e personagens, que ganharam maior fôlego no início do século XX, mais precisamente em 1930, quando começou a se criar o “universo dos super-heróis”, nos EUA, ou de jovens detectives como Tintin, na Europa, ou os mangás, no Japão.

Assim começou o “boom” de uma arte, que ganhou nomes diferentes ao longo dos anos, mas sempre cumpriu com o seu objectivo: contar histórias (reais ou ficcionais) em diferentes géneros e estilos. Estas novas formas gráficas de narrar determinados acontecimentos, que inicialmente “nasceu” na Europa, mas se desenvolveu nos EUA, teve os jornais como porta para o mundo.

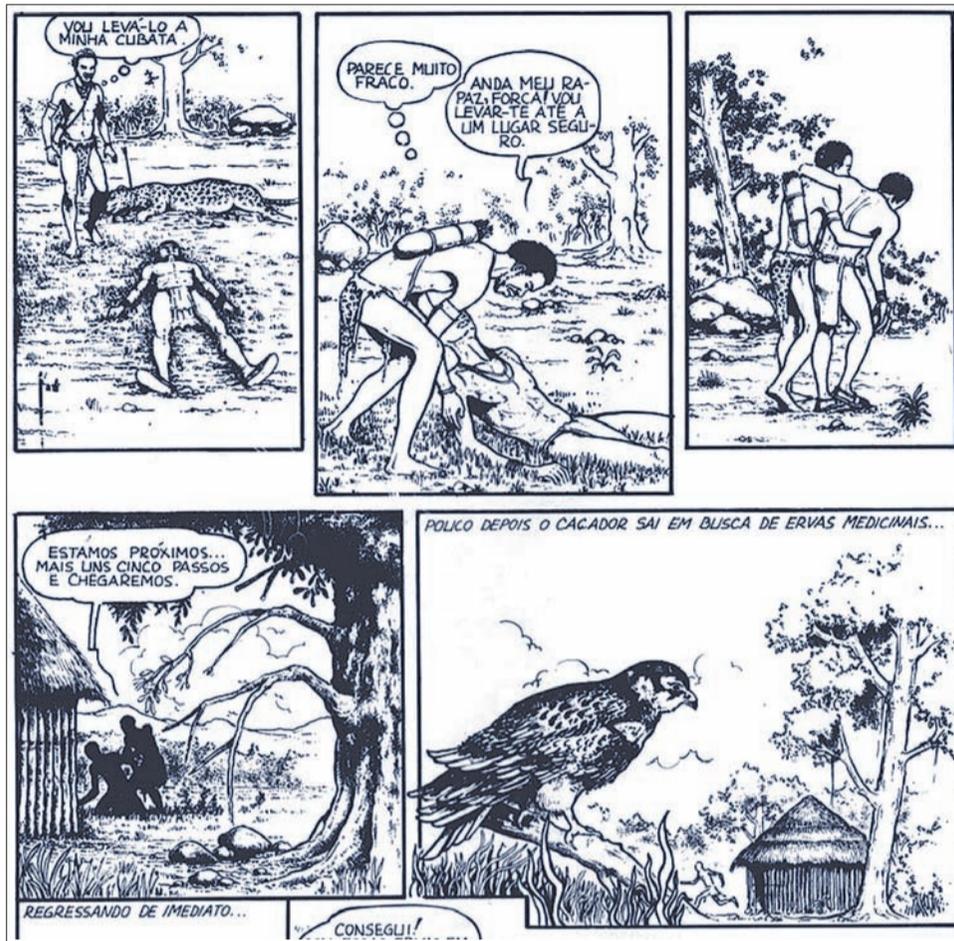
Hoje, anos depois de se afastarem um pouco mais dos jornais e conquistarem um espaço próprio, o “patinho feio” das artes tornou-se num cisne. Nem mesmo Ricciotto Canudo, quando enumerou as artes, imaginaria que um dia a banda desenhada atingiria tal sucesso. Actualmente, com o cinema como mola impulsional, todo um universo de “bolso”, escondido de muitas gerações, começou a ser divulgado. Grandes sucessos de bilheteiras, como “Super-Homem”, “ Vingadores”, ou até mesmo “Tintin”, estão a voltar à curiosidade de todos graças ao trabalho da “máquina Hollywoodiana”.

Com trabalhos divulgados em todo o mundo, muitos acreditavam que a banda desenhada, tal como os livros físicos, morreria, com o advento das novas tecnologias do século XXI. Porém, mais uma vez, ela sobreviveu e continua a se inovar anualmente, quer no formato físico quer no digital.

Contrariamente ao que muitos pensam, as mensagens da banda desenhada não são apenas direccionadas ao público adolescente ou juvenil. O género evoluiu tanto, que conseguiu ir mais além das fronteiras dos “nerds” com apoio da cultura pop, criando hoje um segmento bem mais amplo, com o qual já muitos se identificam, não só além fronteiras, como também em Angola.

VISÃO INTERNA

Apesar dos avanços e do crescimento actual, a banda desenhada ainda continua ligada a sua primeira passagem para o mundo, os jornais. Em Angola, mesmo com a realização de um festival internacional, o Luanda Cartoon, a nona arte ainda está muito “amarrada” a imprensa. Em alguns títulos, os cartoonistas (desenhadores)



Banda desenhista Armando Pululu

têm criado as suas próprias personagens, que um dia, como alguns prometem, podem sair também para conquistar o mundo.

Títulos das Edições Novembro, como o Jornal de Angola, Jornal Cultura ou o Metropolitano abriram um espaço para este género, que, como se pode constatar anualmente, em cada edição do Luanda Cartoon, já tem um público apaixonado, na sua maioria jovem, facto que representa a garantia de sucessão de um legado.

Embora o Luanda Cartoon seja um espaço criado inicialmente para os cartoonistas e os desenhadores (autores de banda desenhada), actualmente o festival tem sido o local ideal para juntar outros estilos. O cartoon (desenho animado na tradução portuguesa do termo inglês) continua a ser o que mais espaço tem nos jornais angolanos, ao contrário da banda desenhada. A escolha, em parte, deve-se a proximidade que este estilo cria no leitor, ao representar diversas críticas sociais, através das imagens.

Muitos dos desenhadores nacionais têm visto no cartoon o seu melhor “mercado de trabalho”. A maioria utiliza a caricatura para fazer críticas à sociedade e com isso “vender” o seu produto ao público. Para os jornais, esta acaba por ser a melhor saída, o que os leva a relegar a banda desenhada para segundo plano.

Se um erro ou não, a decisão depende, em parte, de quem dirige estes títulos, como diz o cartoonista Armando Pululu, criador da personagem de banda desenhada “Ti Chico”. Para o desenhador, já se pode viver de algumas artes em Angola. A banda desenhada ainda tem muito para ser traba-

lhada, mas o cartoon é um estilo com um mercado de trabalho bem assente no país, principalmente nos jornais.

“Antes existiam muitas dificuldades, mas hoje já existe um espaço e até mesmo oportunidades para a formação”, disse, adiantando que o principal cuidado a se ter agora é com o conteúdo das mensagens. Outra chamada de atenção vai, como acontece na maioria das artes, para o pouco interesse dos empresários nacionais. “A popularidade alcançada com projectos como o Luanda Cartoon ainda não é suficiente para despertar o interesse de quem pode apostar nos talentos nacionais. Não é uma realidade que afecta só a banda desenhada, mas todas as artes”, lamenta o desenhador, que está a reunir condições (financeiras) para publicar, em livro, as histórias da sua personagem, “Ti Chico”.

Depois de anos a desenhar e a tentar se impor no mercado do cartoon e da banda desenhada, Armando Pululu prevê um futuro promissor para os criadores desta arte, principalmente ao rever toda uma trajectória, que teve “nomes de peso” entre as fileiras, com destaque para Henrique Abranches, Lito Silva ou Sérgio Piçarra. “Acredito que o legado deixado por estes teve sequência e está prestes a ganhar uma maior dimensão com a próxima geração.”

EDUCAR PELO DESENHO

Uma das maiores questões em relação a projecção da banda desenhada é a da produção, conteúdo das mensagens e divulgação dos trabalhos, para o professor de desenho José Teles Francisco, que vê na educação das novas gerações a possibilidade de se fortalecer ainda mais o mercado e criar já os leitores de amanhã.

Gicartes Teles, de nome artístico, chama ainda atenção para a importância de se aproximar mais a banda desenhada das crianças. “É uma das formas mais fáceis de comunicação e de aprendizagem. A relação entre o texto curto e as imagens típicas desta arte são uma forma eficiente de ensino. A criança tende a associar rapidamente as imagens as palavras.”

Actualmente, conta, a banda desenhada já tem esta função, mas infelizmente ela não é ainda direccionada ao público infantil, mas sim adolescente, jovens e adultos, através de projectos particulares de algumas instituições ou ministérios, em particular durante as campanhas de sensibilização da população em relação a um determinado assunto.

“É preciso ir mais além”, pede, acrescentando que muitas vezes estes projectos de sensibilização chegam até um público que não tem o hábito de ler ou tem muitas dificuldades de o fazer. “Por isso, o ideal seria começar a reforçar a aposta nas crianças”, continuou o professor que dá aulas aos meninos que frequentam o Olindomar Estúdios.

Com uma metodologia diferente da usada pelas escolas convencionais, Gicartes Teles procura associar o desenho a capacidade criativa e de escrita das crianças. A justificação, conta, é o facto de, às vezes, termos bons desenhadores e péssimos argumentistas. A banda desenhada, explica, deve ser vista como um “casamento perfeito” entre a escrita e o desenho e no país ainda existe um deficit acentuado neste ponto.

A participação de Angola em alguns festivais internacionais de banda desenhada já é um passo grande ao reconhecimento do trabalho dos desenhadores e cartoonistas angolanos. Agora, diz, é preciso aprender a destriçar o que cada um faz, criar um mercado mais forte e um público para os dois estilos, assim como deve-se começar a pensar no surgimento de uma indústria do género, capaz de vender os seus produtos, inicialmente a nível dos países lusófonos, depois os africanos e no final para o mundo.



CARLOS MAJOR

RITUAL UNION

“Um mundo de signos, de imagens, de metáforas, de emblemas, de símbolos, de mitos e de alegorias. Todo o ser humano e toda a sociedade humana produziram uma representação do mundo que lhe confere significado”, CHANLAT (1996)

A trajetória histórica do Homem forneceu principais conteúdos à cultura que reúne: símbolos, normas, valores, mitos e imagens do universo popular e erudito, pois que, ao longo da vida o Homem não permanece igual. Para Peirano (2003) “ritual não é algo fossilizado, imutável, definido”. Estando o Homem inserido numa cultura específica, definida como um jogo de símbolos que constitui a origem do pensamento, incorpora a concepção simbólica, expressa ao nível da linguagem que por meio da palavra, fixa-se como um acontecimento.

O termo grego mito significa: dizer, falar, contar. O acervo garante ao Homem contemporâneo acesso ao conhecimento de gerações passadas. Desde o início, o mito funciona para expressar e indagar o ser humano sobre o universo e sobre ele próprio.

Os ritos revelam que a actividade criadora descreve dramáticas eclosões do sagrado ou do sobrenatural, manifestados nos diferentes comportamentos constituindo-se assim, paradigmas de actos humanos, sendo os mais significativos os valores como trabalho, a educação e as expressões artísticas, demonstradas nas relações humanas.

Em Angola, a fase de estruturação dos grupos étnicos que decorre desde o sex. XVI, com a introdução da língua portuguesa, uma influência notada sobretudo nas cidades, regista (ingredientes culturais) o estímulo do processo criativo, aqui representados pelos artistas participantes e pela multidisciplinariedade das técnicas aplica-

das, conferindo a releitura das atitudes, comportamentos, em torno do festim e de ambientes cerimoniais destes ilustres integrantes de grupos etnolinguísticos.

Nesta construção de rituais, a Antropologia e a Etnografia investigam os cerimoniais humanos, tendo acesso aos relatos. Os conhecimentos de antropologia cultural e da semiótica identificam as formas de comunicação que evidenciam a reflexão e a acção para construir, integrar e aproximar pessoas.

PERMANÊNCIA DO CONTEXTO

RITUAL UNION observa as pessoas, executando gestos estilizados que fazem parte da prática, modos, rituais e de uma adequada compreensão dos seus significados. Os rituais, comportamento colectivo, passam pela linguagem simbólica com valor e sentido no Homem (significado e significante).

A língua, a música, a arte, a arquitectura, o vestuário, a culinária, o discurso, o conjunto de crenças, os ídolos e a paremiologia (ditados, provérbios e ditos), a literatura oral (lendas e mitos), significados comunicativos das representações simbólicas inerentes à cultura. Assim, os símbolos utilizados nos ritos e rituais tendem a caracterizar-se pelo seu potencial polissémico.

Os ritos e os rituais fazem parte do processo civilizatório da humanidade, presentes em todas as culturas, das comunidades mais primitivas à sociedade contemporânea. Ao falar de ritualização, o mundo afunda-se em actos formais lógicos com raízes na própria decisão colecti-

va e não em factos biológicos, marcas raciais ou actos individuais.

Assim, o rito é a forma do ser humano expressar as suas percepções sensíveis por meio de discussões narrativas e símbolos que variam conforme a pluralidade de acções num ritual específico. Diversos universos simbólicos, míticos, rurais, urbanos, tradicionais, modernos, sagrados, profanos, cujas significações entrelaçam-se, inserem-se na percepção humanística, carregada de significados.

A reelaboração do imaginário manifesta rituais diversos a fim de manter a identidade cultural local. Mantendo a ligação entre tempo e espaço, ritos e rituais que ao existirem, procuram a união entre as acções realizadas em épocas diferentes num espaço ou espaços recriados. Servindo-se de estudos específicos sobre os rituais em geral e os BANTU, em torno do infinito ou da divindade, o significado dos espíritos, magia, influência e da mística, que para alguns existe nos mares, rios e floresta, determina a proveniência dos artistas que evocam várias experiências sobre rituais tradicionais.

RITUAL UNION transborda os questionamentos existenciais, fornecendo ferramentas analíticas para que cada visitante construa a sua noção de União Ritual. Os Audiovisuais, Pintura, Escultura, Videoarte, Fotografia e Instalação alertam-nos para relações históricas e sociais unidas que acontecem em todas as sociedades e tal como diz Riviere... “Não há sociedade, em qualquer que seja sua escala, que não sintam a necessidade de, periodicamente, reafirmar

em comum os seus valores”.

Os símbolos ritualísticos: como o canto, a música, o vestuário, são uma linguagem específica para afirmar a identidade colectiva com cultura própria que reafirma a estrutura social. A exposição RITUAL UNION analisa as contribuições da comunicação, relações públicas, as implicações políticas dos ritos, rituais e cerimónias nas organizações contemporâneas.

Nas sociedades actuais, a UNIÃO RITUAL ocorre numa sequência ordenada, mudando somente os detalhes, já que o contexto permanece. Todas as sociedades humanas praticam actos de celebração, comemorados por meio de cerimónias e rituais, eventos importantes na vida das pessoas ou de grupos que marcam êxitos, conquistas, alegrias e até mesmo, tristezas de maneira formal com modelos preestabelecidos de natureza simbólica em ocasiões especiais ou em períodos determinados.

PINTURA

Don Sebas Cassule

Camabatela, Kwanza Norte (1968), Ang., Pintura, desenhador, instalador e autodidacta, técnico de aeronáutica e oficial da Força Aérea na reserva. Membro da União Nacional de Artistas Plásticos (UNAP) e da Associação Internacional de Artes Plásticas L'Aigle de Nice, sediada em Nice, França.

Participações: Trienal de Luanda em 2007 e 2010; Bienal de Arte Contemporânea de Florença, em Itália, em 2009 e 2011; e exposições colectivas no país e no estrangeiro. Exposições individuais sete.

Menção: 2 vezes premiado, quinto Prémio Conselho Regional PACA, Roubaix, França, Convidado de Honra Alexi Mori, Prémio Internacional das Artes Plásticas L'Aigle, Nice, cidade de Nice, França, 1998. Mérito Novembro de 2007, Grande Prémio Internacional das Artes Plásticas L'Aigle de Nice.

Coleções: Coleções particulares e oficiais em Angola e no estrangeiro.

“Cri\$e Versus Trabalho”, Abril 2012, Instituto Camões Centro C. Português, Luanda. “DIÁLOGOS I PERSONAGENS, TERRITÓRIOS E SITUAÇÕES”, Abril 2017, Espaço Luanda Arte - ELA.

“A Singularidade Proverbial do Imbondeiro” Dezembro 2017, pintura e instalação, Centro Cultural Português em Luanda/Camões.

Egas

Lubango (1961) Ang. Pintura. Autodidacta. Iniciou a sua vida artística em 1990, na cidade natal, junto ao grupo de artistas locais. Na elaboração de



suas peças usa o que vulgarmente chamamos de lixo. As obras de Egas incluem material reciclado composto com cola, tinta acrílica e madeira.

Exposições Individuais: 2015, "RESTOS SURREAIS" Tamar Golan. 24 de Abril.

Colectivas: 2016, "ELA&", Tamar Golan

Colecções: Thompson House, Hall de Lima Pimentel, Pedro Ribas.

Gimby

Luanda (1975) Ang. Pintura. Diplomado em Artes plásticas pelo INFAC.

Makengo

Luanda (1984) Ang. Pintura e ciências exactas. Começou as suas primeiras pegadas pela arte em vários ateliers, tendo a sua maior experiência com mestre Mawete.

Exposições Individuais: 2017, Tamar Golan.

Colectivas: 2011, Celamar; 2013, Centro Comercial Maria Luísa; 2014, "FENACULT", Baía de Luanda; 2016, Ensa Arte; 2017, "A figura humana na arte angolana", Galeria Banco Económico; 2017, "Impressões e expressões", Fundação Arte e Cultura.

Mawete

Cazengo, Kwanza Norte (1977) Ang. Formação na Academia de Belas Artes, na República Democrática do Congo, tendo completado o bacharelato em 1997. Aperfeiçoou a sua técnica nos ateliers Ibanda, Domingos Tekassala (cerâmica) e Etona. Experiente professor de artes plásticas em diversas escolas de Luanda.

Exposições Individuais: 2001, "O Poder da Cor" Luanda; 2006, "Substracionismo", Luanda.

Colectivas: Brasil e colectivas da Protecção Civil (Luanda) e Expo dos Jovens Criadores (Namíbia).

Colecções: Bordeaux (França, 1999), colecções das representações diplomáticas de Angola em Londres (2013) e Nova Iorque (2014) e da Colecção Imago Mundi, em Itália (2015).

Maymba

Benguela, (1958) Ang. Bacharelato. Inscrito na UNAP. Curso Médio de Artes Plásticas. Ensino de Publicidade e Artes Publicitárias. Frequentou o estúdio do professor desenhador artístico e publicitário Alfredo Barnis Ribeiro de Freitas, Benguela. 1982 Estágio com Artista Plástico Noé Garcia, Benguela.

Exposições Individuais: 2002 "Ndapassuka", Humbiumbi Galeria, Luanda (Ang).

Menções Honrosas: 5ª edição do prémio "ENSARTE 2000"

Colecções: Hall de Lima Pimentel

Pemba

Uíge, (1990) Ang. Em 2009, Humanidades Artísticas e 2012, Pós-graduação em artes visuais, opção de pintura, ambas na Academia de Belas Artes de Kinshasa.

Exposições colectivas: 2017, "PLAY GROUND", Pullman Grand Hotel em Kinshasa; 2017, "LELO" no espaço ZAYI; 2016, "DESEMPENHO" no Planeta J; 2013: Exposição coletiva e perfor-



mance, 6º Fórum Social Africano no Jardim Botânico de Kinshasa; 2012, DIMENSÃO PLENÁRIA 3ª edição, organizada pelo Centre Wallonie Bruxelles em Kinshasa; MWASI YA BWANYA no espaço Planet J; Exposição e instalação coletiva na Embaixada da Grã-Bretanha.

Exposições individual: 2014, ECHOS DU?, restaurante TheRiver / Kinshasa-Gombe;

PiNbaki

Cardoso Nbaki

Wisousa

Benguela, Ang. Autodidata, iniciou a sua vida artística na UNAP com o seu pai Maymba com quem aprendeu a desenvolver todas as técnicas que usa nas suas obras. Participou em algumas exposições colectivas e é um dos membros aspirantes em formação pelo Batalhão rm, na Fundação Rui de Matos.

Zeca

Damba, Uíge 1974 (ANG). Ensino Médio Instituto de Belas Artes, Kinshasa. Frequentou vários estúdios artísticos, como: Marcos Tango para técnica de veludo.

Participações: 2015 Galeria Nacional de Harare, Zimbabwe; 2013 COOPART; Galeria CELAMAR, Luanda; 2012 Feira de Arte, Espanha; 2010 COOPART, Galeria CELAMAR, Luanda; 2007 Residência, Embaixada de Angola, Cairo, Egipto.

Exposições Colectivas: 2000 Hotel Meridien, Luanda; 1997 Galeria LaFluer, Kinshasa; 1995 Academia de Belas Artes, Kinshasa; 1994, Centro Cultural Boboto, Kinshasa.

Menções Honrosas: 2016 Categoria Pintura, ENSARTE.

ESCULTURA

Toko

Luanda, 1982 (ANG). Curso Médio de Escultura, Instituto de Formação Artística, Luanda. Frequentou o estúdio de Malangatana em Maputo, (MZB). Membro UNAP.

Residência artística na Founda-

tion Jean Paul Blachere.

Participações: Inúmeras no COOPARTE, Arte CELAMAR galeria, Luanda. Leilão "Benefício Luta contra HIV", Revista Vida.

Menções Honrosas: Prémio ENSART; Prémio CIADADE DE LUANDA; 2º Prémio ENSART 2008 e 2010. A obra apresenta contexto polissémico na qual retrata dos problemas do nosso dia-a-dia em diversos sectores na sociedade africana.

Vemba

Luanda, 1984. Ang. Bacharel em antropologia na Universidade Agostinho Neto e Artes Plásticas na especialidade de escultura no INFA.

Exposições colectivas: 2005, Cooparte; 2006, "Ecos de África", Galeria Humbi-Humbi; Expo-2012, Coreia do sul; 2012, "os valores africanos representados em formas surpreendentes", escultura BaiArt; 2013, 55ª Bienal de Veneza; 2014, "Luanda; Plasticidades angolanas", FENACULT; 2015, 7ª Bienal de Moçambique, Criadores CPLP; 2015, "conexão", Luanda.

Prémios: 2005, 3º classificado prémio Sonangol em escultura; 2008, 2010, 2012 e 2014, Prémio Ensa Art Juventude na disciplina de escultura.

Yayan Doungle

Uíge, 1972 (Ang.). Ensino médio e superior em Artes Plásticas em Kinshasa. Formou-se em várias outras disciplinas artísticas como talha em pedra, escultura em argila e escultura monumental em cimento, gesso, argila e bronze).

Actualmente, leccionando a disciplina de escultura no Instituto Superior de Artes - ISART.

FOTOGRAFIA

Massalo

Luanda, Ang. Desde 1994 à 2005, cresceu entre várias cidades: Ponta-Negra, Gaborone, Cidade do Cabo, entre outras. Iniciou na arte em Luanda, mas foi na Cidade do Cabo que percorreu na fotografia. Expõe várias vezes

pintura, fotografia e livros:

- Aquarela, poesia, Nzila, Luanda (2006).

- Silhuetas, fotografia, DZzzz (2008).

- Massalo, fotografia, DZzzz (2011).

O livro, O Mar Também tem Nuvens (2012) colectânea de poemas ilustrados por Joana Taya.

Paulo Araújo

Maculusso, Luanda 1964. Trabalha em rádio há 37 anos: Jornalista na Rádio Nacional de Angola desde 1980. Jornalista do programa radiofónico "FAPLA na Voz das Forças armadas", de 1984 a 1991. Luanda Antena Comercial LAC, de 1992 até actualidade

1981 - Locutor-Redactor-Reporter Realizador, Inventor e locutor: programas Radiofónicos:

1982 - Top dos Mais Queridos; 1984-1991 - A Voz das Forças Armadas; 1992 Produtor-Realizador-Reporter e Locutor na Lac Luanda Antena Comercial; 1994 Grandes reportagens, Conferência de Doadores UE-Angola;

2000 - Mussulo, paraíso ou inferno; 2001 - O pior cego é o que não quer ver; 2001 - Prémio Maboque de Jornalismo: Grande Reportagem; Set-Out 2007 - Andar o País (15 das 18 Províncias de Angola); Fotografia, com Sérgio Guerra, JR Duran e Tchilala Moco.

VÍDEO ART

Paulo Azevedo

Luanda, Ang. Cineasta e artista visual. Trabalha um pouco por todo o mundo, dirigindo cinema, televisão, publicidade, videoarte e projetos fotográficos. Estudou cinema na Afdafilm School em Cape Town, África do Sul. Tendo vivido em Luanda, Lisboa, Londres e Cidade do Cabo, o seu trabalho explora quadros diferentes e utiliza diversas técnicas cinematográficas nos seus pequenos filmes. É social e politicamente focado, usando diferentes mídias (fotografia, vídeo, filme) para expressar sua visão e enfrentar questões críticas, como democracia, direitos civis, corrupção, problemas ambientais e capitalismo.

NELSON SANTOS REGRESSA COM “MENSAGEM”

LUÍS PEDRO POLANAH

Nelson Santos apresentou ao vivo a versão instrumental de “Rumba Para Maria”, “Pescador”, “Mensagem”, “Allez” e “Cantares de Angola”, com o suporte dos instrumentistas Chico Santos, na percussão, Zito, no baixo, Milagre, Paulino, nas guitarras solo e ritmo, Juju Lutoma, Tucho, na dikanza e Mek, na bateria. O semba ficou patente como estilo predominante reforçado pela Banda Maravilha em estúdio. Carlos Burity juntou-se para fazer um dueto em “Ngongo”.



Nelson Santos, o cantor angolano que popularizou a música “Cantares da Terra”, em 1997, está de regresso às luzes da ribalta com um novo trabalho discográfico, “Mensagem” apresentado na Academia BAI, em Luanda, numa sala cheia de amantes da boa música angolana e do Semba em particular.

Este novo disco, para além de assinalar o regresso de um músico com história, conta com uma particularidade: três duetos com figuras cimeiras do panorama musical e artístico nacional: Yola Semedo, Matias Damásio e Daniel Nascimento. Os cabo-verdianos Leonel de Almeida e Maria de Barros foram outras vozes escolhidas. Botto Trindade, Carlitos Vieira Dias, Pirika Duia, Texas, Dinho, Carlitos Chiamba, Chico Santos e a Banda Maravilha deixaram as suas impressões nesta obra.

Nelson Santos revela-se deveras satisfeito com este novo trabalho e com a oportunidade que a Nossa Seguros ajudou a concretizar, ao apoiar a edição e produção do CD. “No final de 2015 cesei funções na Sonangol, empresa onde trabalhava, e entrei para a reforma. Como a música sempre fez parte da minha vida, optei por ir atrás de um sonho e de bater a algumas portas amigas na esperança de o ver concretizado um dia. E foi assim que cheguei até aqui. Com o apoio dos instrumentistas que comigo tocaram, dos cantores que aceitaram participar neste disco e da empresa que, no âmbito da sua política de apoio às artes nacionais, decidi apoiar este meu trabalho. Estou infinitamente grato e satisfeito. E agora, va-

mos ao trabalho, vamos aos concertos”, disse Nelson Santos no final da apresentação pública do álbum Mensagem.

Resumidamente, e para a geração mais nova, convém recordar que, em 1963, na cidade do Huambo, Nelson Santos começou a tocar os seus primeiros acordes com uma viola rudimentar, feita por ele, tendo anos depois formado um pequeno agrupamento amador.

No período entre 1970/74 integrou o agrupamento musical os “Cadência 7”, como guitarra solo, vocalista e líder musical. A sua musicalidade e versatilidade conquistaram um grande número de fãs em quase todas as províncias do país, tendo-se destacado como um dos melhores e mais representativos grupos da então Nova Lisboa, no período colonial.

Em 1974 iniciou sua actividade como profissional de seguros, suspendendo a actividade musical pouco antes da independência de Angola, altura em que deixou temporariamente a cidade do Huambo.

Entre 1975 e 1978 regressou ao Huambo como delegado da seguradora “Confiança Mundial de Angola”. No mesmo período, e porque a música sempre lhe correu na alma e no coração, integrou o grupo musical da JMPLA “OndakaYoWini”, como guitarrista e vocalista.

Em 1984, com Nuno Lourenço (Manecas), fundou o grupo musical “Nona Cadência”, como guitarrista solo, vocalista e director musical. Participou em várias actividades nacionais e internacionais, com destaque para a sua presença, em 1985, em Moscovo (Rússia) e Lisboa (Portugal), na semana angolana da amizade e nas comemorações do 11 de Novembro, respectivamente.

Em 1988, enquanto estudante universitário, integrou a banda “Welwitschia”, como guitarra ritmo e vocalista, na companhia de Boto Trindade, Mog, Masekoka, Joãozinho Morgado e Rui Furtado. Em 1996 gravaram o primeiro disco intitulado “A Vida”. No final do mesmo ano iniciou sua carreira a solo.

Em 2000, por razões profissionais, suspendeu de novo a sua actividade musical. No entanto, no mesmo ano, por solicitação da Sonangol, coordenou a produção do disco “Cantagolando”, em Portugal. Em 2005 coordenou e produziu também a colectânea discográfica da Sonangol denominada “PetroSemba”.

ALCIDES MALAIKA - O IMPRESSIONISTA

Está patente desde 4 de Junho no Hotel de Convenções de Talatona (HCTA) a exposição individual de Alcides Malaika, que ali ficará até ao dia 30 de Junho.

Segundo a Seven Arts, organizadora da exposição, Malaika é considerado um dos principais expoentes da nova geração das artes plásticas em Angola. A sua obra reflete cenas urbanas e rurais provenientes do quotidiano nacional. Com forte inspiração do Pontilhismo, técnica de pintura saída do Movimento Impressionista, na sua obra destaca-se a justaposição de cores e figuras. No seu trabalho, usa cores fortes e vibrantes, num entrelaçado de motivos, simultaneamente abstractos e realistas.

DO AUTOR

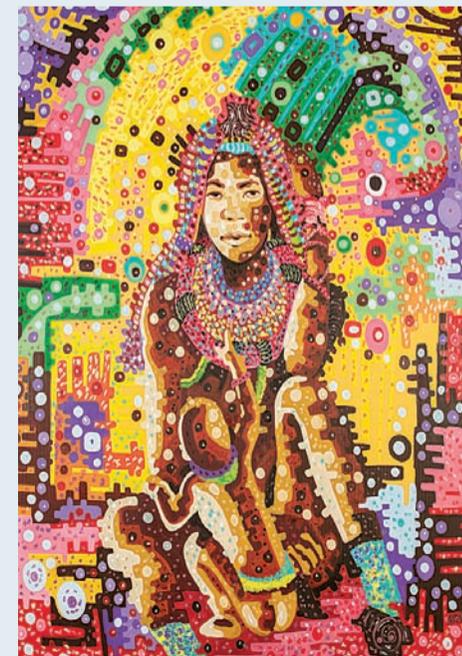
ALCIDES MALAIKA, nasceu em 1992. É um artista autodidacta e foi aluno da Mestre Cármen Prendes. Integrou o projecto “Os Meninos Pintores

Angolanos”, de 2009 a 2016, tendo participado em inúmeras exposições colectivas, em Angola e no estrangeiro. Com um percurso de vida pessoal marcado por adversidades e grande sofrimento, procura exorcizar nas suas telas, com a sua arte, as memórias dolorosas de um passado traumático.

Diz o artista “Nasci a 1 de Janeiro de 1992, em Luanda. Não tenho memórias muito precisas da minha infância. Há muitas coisas que não me lembro. Sou orfão e é difícil para mim falar sobre isso. Os meus primeiros anos foram passados com a minha avó materna. Foram anos duros, de muitos maus tratos. Éramos pobres e tudo faltava. Lembro-me que fugia frequentemente de casa, a primeira vez, tinha 3 anos. Depois regressava... até que um dia fugi e nunca mais voltei. Perdi, para sempre, o rasto da minha única família. Seguiu-se a vivência nas ruas de Luanda.

(...) Tenho 23 anos. Pareço jovem e sou jovem, contudo, já vivi demasiado no que diz respeito a sofrimento e dor. Dor de quem não tem, nem nunca teve, família. Dor de quem já teve que viver nas ruas. Dor de quem não tinha de que comer. Choro, fome, abandono é demasiado para quem só tem 23 anos. E, apesar de tudo, posso dizer que tenho sorte. A sorte de ter amigos leais, de ter saúde, de ter sobrevivido às doenças e à agressão de não ter um lar, não ter a seu lado pessoas que nos amem e apõem incondicionalmente.

Sou um sobrevivente e, por isso, um lutador. Tenho fé. Foi essa fé que me levantou o ânimo nas horas mais difíceis. (...) o marco fundamental foi o período que vivi no Centro de Acolhimento do Padre Horácio. Aí comecei a época mais feliz da minha vida. Éramos bem tratados e fiz muitos amigos, alguns como irmãos, como Kinawala, que também é pintor (...).
Uma história comovente de infân-



cia de um “menino de rua” que se transformou em artista e que vai apresentar ao público o seu trabalho, numa exposição individual.

(Alba Bittencourt)

VICE-CHEFE DA ONU DENUNCIA “PANDEMIA GLOBAL” DE VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES

Em Bruxelas para o fórum Dias Europeus de Desenvolvimento, a vice-secretária-geral da ONU, Amina Mohammed, alertou no passado dia 5 do corente para o que descreveu como uma “pandemia global” de violência contra as mulheres e meninas. A dirigente cobrou que países ponham um fim aos abusos motivados por questões de género — quando uma mulher é agredida simplesmente por ser mulher.

“Ataques e discriminação estão profundamente encaixados em normas, atitudes e práticas sociais”, afirmou a representante das Nações Unidas. “Transformar essas mentalidades exigirá investimentos significativos de tempo, recursos e vontade política.”

Actualmente, segundo a ONU, uma em cada três mulheres é ou será vítima de violência de género no mundo. Em média, por ano, 17 milhões de meninas se casam quando ainda são menores de idade. Quase metade das mulheres assassinadas

são mortas por um parceiro ou ex-parceiro. Amina também chamou a atenção para a marginalização económica das mulheres — em média, a diferença salarial entre elas e os homens é de 23%. Segundo a dirigente, o Banco Mundial estima que a participação igualitária na força de trabalho liberaria 160 triliões de dólares para a economia — o equivalente a 2% do Produto Interno Bruto (PIB) do planeta. Recursos, disse a vice-chefe da ONU, “poderiam ser reinvestidos no desenvolvimento sustentável”.

Na visão da representante das Nações Unidas, a emancipação e a garantia dos direitos das mulheres é fundamental para que a comunidade internacional alcance os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). “Sem igualdade e empoderamento, vamos simplesmente perpetuar o paradigma de hoje: tentar enfrentar todos os desafios do mundo com apenas metade dos recursos do mundo”, disse.



INICIATIVA VISA COMBATER FEMINICÍDIO

Amina disse ainda que a iniciativa Spotlight, lançada no ano passado por uma parceria entre a ONU e a União Europeia, poderá transformar a violência de género em “algo do passado”. “A Spotlight se concentrará na forma mais extrema de violência, o feminicídio”, explicou a dirigente.

Segundo a vice-secretária-geral das Nações Unidas, frequentemente, na sequência desses homicídios, “descobri-

mos que as mulheres de facto denunciaram à polícia ou buscaram cuidado médico, mas os provedores de serviços não tinham informação adequada ou os meios para identificar o risco”.

Amina lembrou que, entre os ODS, existe um objectivo específico — o de número 5 — sobre igualdade de género. Suas metas incluem o fim de todas as formas de violência contra as mulheres. “Temos um longo caminho a percorrer. Mas temos um plano e temos a determinação.”

ONU Brasil

ONU ALERTA PARA ESTIGMA CONTRA PESSOAS ALBINAS

Na sua mensagem para o Dia Internacional de Conscientização sobre o Albinismo, lembrado neste 13 de Junho, o secretário-geral da ONU, António Guterres, alertou que as pessoas com essa condição genética continuam “tragicamente” a sofrer “discriminação generalizada, estigma e exclusão social”. Em alguns países africanos, indivíduos albinos são vítimas de perseguição por conta de preconceito e de crenças culturalmente arraigadas.

“Muitos deles, incluindo crianças e mulheres, estão extremamente vulneráveis, isolados e sujeitos a abuso e violência”, ressaltou o chefe das Nações Unidas, que pediu solidariedade para os albinos. Em 2018, o tema da data global é “Brilhando a nossa luz para o mundo”.

Em algumas comunidades do Burundi, Malawi e Tanzânia, pessoas albinas são vítimas de criminosos que as mutilam para vender partes de seus corpos, considerados sagrados ou mágicos. Órgãos e membros de indivíduos com albinismo chegam a ser comercializados num mercado ilegal extremamente lucrativo: braços e pernas podem custar 2 mil dólares, enquanto que um corpo inteiro chega a 75 mil dólares.



Há relatos de casos em que indivíduos são desmembrados ainda vivos, tendo seus dedos, membros, olhos, partes genitais, pele, ossos, a cabeça e o cabelo arrancados com facões. Em Moçambique, também há relatos de agressões e violações dos direitos.

Segundo Guterres, o aval da Comissão Africana de Direitos Hum-

nos e do Parlamento Pan-Africano para o Plano de Acção Regional sobre Albinismo no continente é “um passo adiante fundamental”. “Mas muito mais pode ser feito globalmente para conscientizar sobre o suplício das pessoas com albinismo.”

O secretário-geral pediu um esforço colectivo para garantir que essa

população viva livre de medo e discriminação e possa exercer plenamente seus direitos humanos.

ESPECIALISTA ALERTA PARA ACESSO À EDUCAÇÃO

A especialista independente da ONU, Ikponwosa Ero, ressaltou conquistas e desafios que a população albina enfrenta. Para a nigeriana, que é ela mesma albina, o 13 de Junho é uma data para celebrar “as contribuições consideráveis de pessoas com albinismo, incluindo Goldalyn Kakuya, a menina de 14 anos com albinismo que foi a melhor nos exames nacionais da escola primária no Quênia, em Dezembro”.

O marco, afirma Ikponwosa Ero, “quebrou estereótipos e preconceitos”. “Ainda se acredita frequentemente que pessoas com albinismo são incapazes de aprender. Esse preconceito ilustra a discriminação particular que elas enfrentam no que diz respeito ao acesso à educação, incluindo o bullying persistente e a ausência de instalações adequadas para a deficiência visual que é frequentemente parte do albinismo”, explicou.

A especialista também lembrou que “seis mulheres com albinismo, incluindo vítimas de ataques e mutilação, estão actualmente se preparando para chegar ao cume do Monte Kilimanjaro”. “Essa campanha é uma demonstração ricamente simbólica das capacidades das mulheres com albinismo”, completou Ero.

DO MAR DA KIANDA



EMANUEL ALASVIDA

— Oh Zeca, pequeno pescador! Que lindo contemplar o jeito como entrelaças a malha, fazes-me lembrar o grande pescador Damião. (Não o Damião que era calimbeiro, que havia morrido nas Lundas à procura de diamantes). Jacinto, recorrendo aos encantos para dar capim ao boi. O boi era o tempo que Jacinto queria alimentar. Grisailhas não folgavam, ainda sem o sorriso dos peixes cachucho, espada, kimbumbu, madionga e carapau, os mais sagrados da terra. Deitado à cama da praia, de barriga virada para cima, Jacinto só lembrava já do refugio do mar.

Logo, Chivinda abordava Zeca naquela manhã ao pé da ilha. Zeca estava quase a dez pés da restinga, entrelaçando a rede para cima e para baixo, e num bate papo que morria o tempo.

Os barcos jaziam hirtos à beira da praia, a distância de nove pés. O sol se abria refulgente aos peitos dos homens de troncos nus, que com os dedos lançavam à malha e a malha lançavam à tralha no imberbe amanhecer.

Chivinda aproximou-se:

— Ainda não começamos a subir? Perguntou. Deu um tampo no ombro do Zeca. Companheiro, então! Exclamou Chivinda.

— Chivinda! Chivinda! De que mundo vens tu! Não te bate nos olhos que está tudo estagnado; a areia da praia, os barcos, o tempo e o vozear das forças madrugadoras?! Nós vimos a madrugada chegar, vimos a ilha nascer, nascer das pequenas linhas entrelaçadas com que apanhávamos peixes, mas agora jazem caladas na areia branca. E nem as mabangas dão o esplendor. Montes de baldes lançados no chão, esperando que o mar desça a nível das mabangas. Oh Chivinda! Exclamou Zeca. Franzia o rosto a semelhança do mar ondulado. Deu desfecho ao conteúdo: “Ainda não! Ainda não! Companheiro cego!” o desrespeito soou em voz baixa. Ninguém notou aquele desfecho. Pelo menos da forma como fora.

Chivinda estava arrumado. O silêncio lhe convidou ao chão da praia. Observou o que estava à volta. Tudo estava mesmo arrumado no despojo — homens, mulheres, crianças até os ânimos e sorrisos dos Musseques. Os ecos voltavam devolutos. O mar estava inconstante.

— Então Zeca, companheiro meu, desde aquela hora? O dia já tem olhos, ganha pés e anda, e nós continuamos parados, só a aproveitara terra que nos pertence, mas a ilha continua morta. — Já embriagado de desistência, Jacinto enterrava o dia no queixume.

O dia ia sem deixar saudades. As ondas se moviam com muita velocidade:

— Paciência! Jacinto, paciência! Ela é o coração do pobre! Zeca, pequeno pescador, — acalentava o companheiro.

No entanto, faziam cama na areia da praia e desenhavam um destino decantado no planger. Era Zeca, o pequeno pescador, que tachava o mar:

— Longa jangada lançada que nem rede, o mar zangado não quis saber das boas maneiras, mormente a sede.

No treme, treme o mar berrou:

— Joca, Joca, partiste as pernas dos meus visitantes!

E o Joca, Joca responde:

— Esqueceram a bússola do destino, longe jazia o preço de encontrar o fim. A morte sempre foi fim a preço barato.

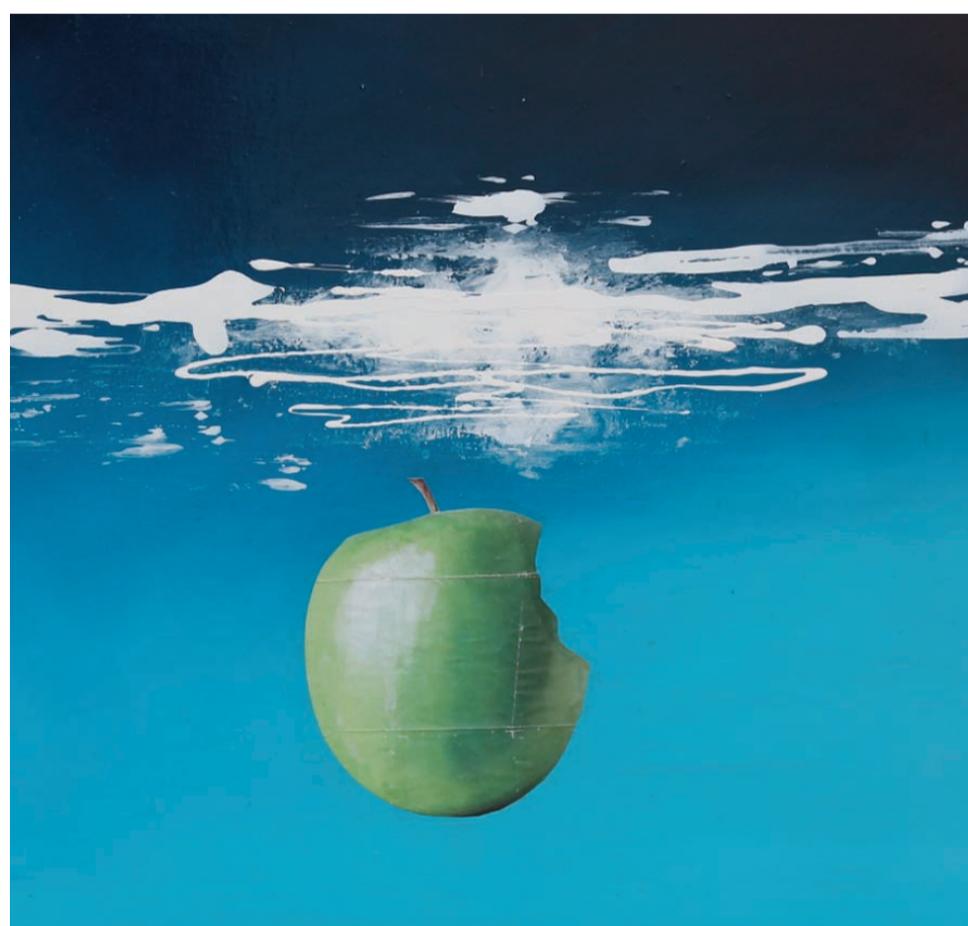
Desta feita, zangou-se outra vez o mar.

— Deixa estar nada! Perdi a minha alma, só tenho que cantar malambas nas madrugadas e sem parir o som das brisas em Luanda. O frio também grita, mas a brisa sente-se quente em vez de frio. Malandro tempo, ninguém governa a dialéctica dos povos.

— Mas quem disse que compramos a lua sem deixar a galinha botar ovos? O engano escorre entre os medos devolutos, mas a certeza do povo é viciada como que é absoluto.

No Lelo, que não era Alameda, a noite caía sem escamas nos olhos do luar. Os pescadores não podiam subir ao mar, porque estava a troca-tintas. Então carregavam seus ócios no píncaro da alma e nos dorsos as rotas redes, e ainda cantavam versos na melancolia da luta mar invencível:

— Redes carregadas, carregadas nos dorsos, húmidos prantos envoltos,



nós desistimos. De nós desistimos, mas nunca de sermos pescadores.

À noite cantaremos, nesta noite andaremos, com velas e choros, implorando aos deuses a segurança noutro amanhã quando subirmos ao mar. Daremos dádivas sem parar à deusa mar. Nós desistimos, mas nunca de vencermos o mar!”

Zeca adejou de pés descalços o Lelo todo — aquela noite sem brio, só frio que o Junho retinha nas mãos o ritual à kianda.

Zeca, de pequeno pescador, se tor-

nou um grande pescador. Um grande pescador mesmo como o Damião. Daí nunca mais temeu o mar, nem ao subir e nem ao descer. Chivinda e Jacinto obtiveram a mesma agudez de espírito e pernoitaram nas luzes do guizalhar dos peixes.

E os musseques afiliaram-se de albinos às noites propínguo às palmeiras, entre os garfos, facas e loiças jogados como dádivas à deusa da ilha, por quem sempre tiveram sorrisos devolvidos, mas a morte é sempre um fim a preço barato.

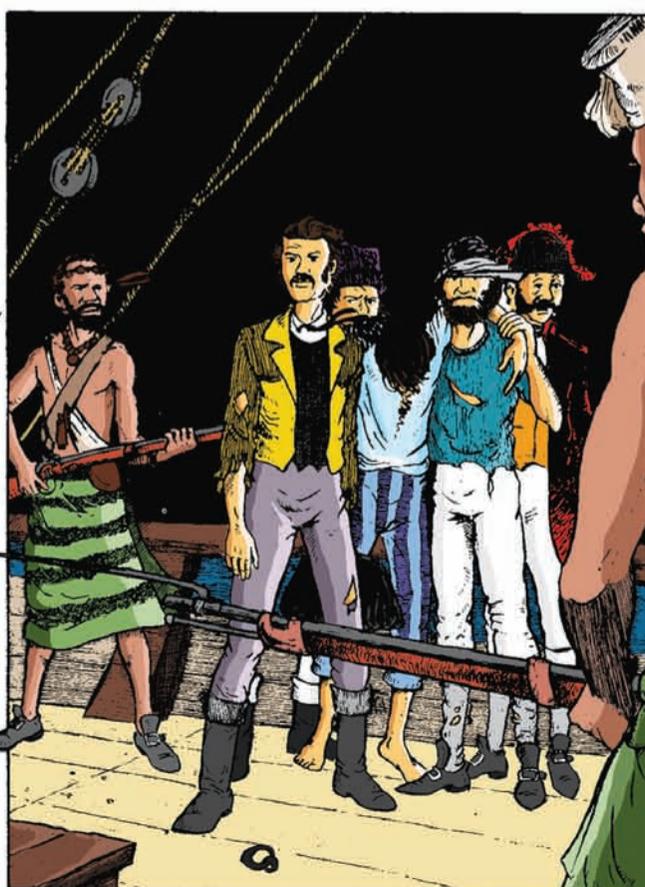
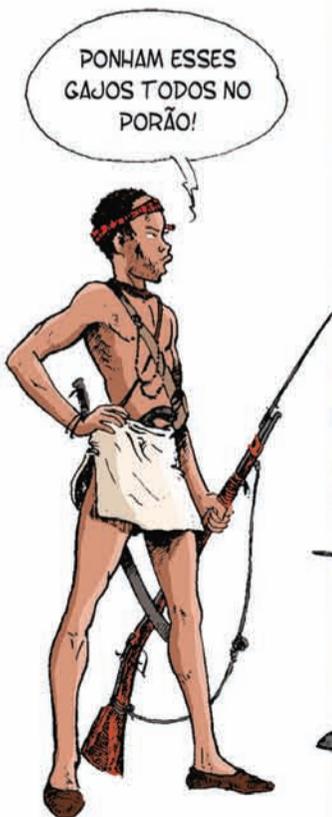
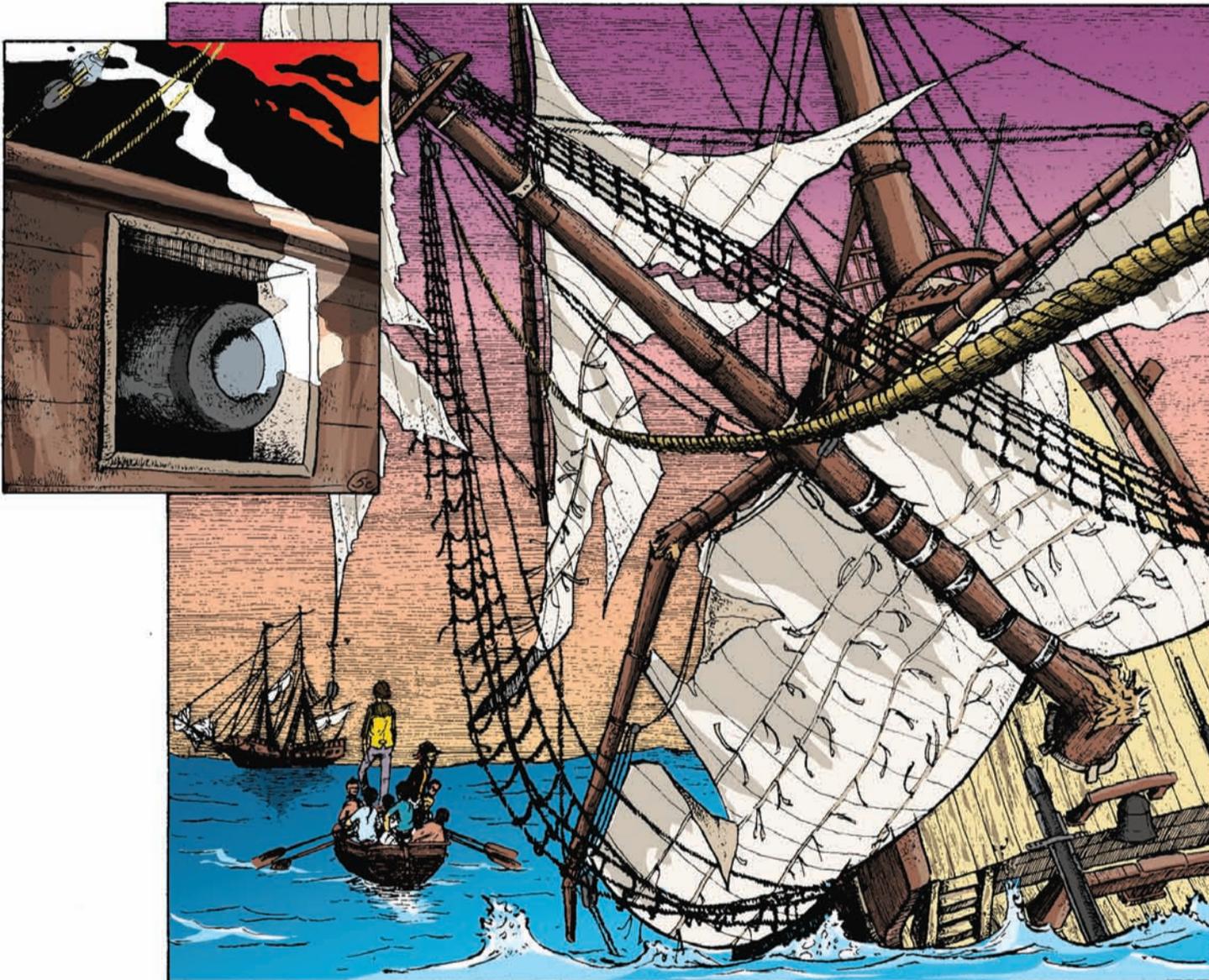


MASALA, O LEOPARDO



Por: Lito Silva

O CANTO DE LUSUNZI



CURSO DE BANDA DESENHADA

INSCRIÇÕES ABERTAS

NA CASA DAS ARTES



HORÁRIO DA SECRETARIA

Das 10h às 18h, de segunda a sábado
Morada Talatona Via 5



contacto

(+244) 996660065
casadasartessluanda
info@casadasartessluanda.com

Curso intensivo semestral
Coordenação Pedagógica

Sisma Comics



CASA DAS ARTES